

CRISTO, NOSSO SUMO SACERDOTE (4:14–16)

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Depois de mostrar que Cristo é superior aos profetas, aos anjos e a Moisés, o autor de Hebreus voltou-se para a superioridade de Cristo como Sumo Sacerdote acima de Arão. Ele escreveu em 4:14–16 que temos um representante no trono de Deus maior do que podemos imaginar, o qual faz por nós coisas além do que sonhamos. Estes três versículos afirmam quatro verdades sobre este grande Sumo Sacerdote: 1) Ele penetrou os céus, o que implica que Sua obra terrena foi concluída. 2) Ele pode Se compadecer totalmente de nós. 3) Ele aprendeu a obediência através da tentação. 4) Ele é a fonte da salvação eterna. O pensamento inerente é que, agora, está aberto o acesso a Deus por meio da obra sacerdotal de Cristo.

UM SUMO SACERDOTE SUFICIENTE (4:14)

O termo “sumo sacerdote” (ἀρχιερέυς, *archie-reus*) foi usado primeiramente pelo sumo sacerdote judeu; mas aqui ele se aplica a *Jesus*, o qual é sacerdote e rei. Zacarias predisse que o Messias serviria como sacerdote e rei no Seu trono (Zacarias 6:13). Servir nessas duas funções não era permitido a nenhum rei de Israel no Antigo Testamento. Cristo é “grande” porque Ele é muito superior ao sumo sacerdote da velha aliança, embora esta seja a posição mais eminente do judaísmo. Os cristãos judeus, tentados a voltar às origens, precisavam saber que

tinham um Sumo Sacerdote superior a qualquer sumo sacerdote debaixo da lei. Começando aqui e continuando pelo capítulo 10, o autor demonstrou pleno entendimento do significado das instituições e dos desígnios mosaicos. A exposição a respeito do nosso novo Sumo Sacerdote termina em 7:28, mas a ideia é retomada em 8:1 como um fato aceito.

Os hebreus que leram que Jesus, o Filho de Deus, é nosso Sumo Sacerdote devem ter achado isto estranho. Com certeza, eles não ficaram tão atemorizados quanto os fariseus ficaram quando Jesus desafiou-os em Mateus 22:43–46, citando Salmos 110:1:

Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-Lhe Senhor, dizendo:

Disse o Senhor ao meu Senhor:

Assenta-te à Minha direita,
até que eu ponha os Teus inimigos debaixo
dos Teus pés?

Se Davi, pois, Lhe chama Senhor, como é Ele seu filho? E ninguém Lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-Lhe perguntas.

A pergunta de Jesus, baseada no discurso de Davi, implicava que o Messias é um dos “dois Senhores”, o que constituía a grande pedra de tropeço para os judeus. Eles acreditavam completamente num único Senhor Deus – e somente um. Jesus era agora visto como sendo o outro “Senhor”. Carregar esse título e ofício implicava que Ele era o Filho de Deus. Esta passou a ser a grande prova para os judeus: aceitariam completamente que Jesus era divino, sendo o Filho do poderoso Deus e novo Sumo Sacerdote? Aceitariam “dois Senhores”? Se entendessem este conceito, os judeus cristãos estariam bem mais próximos de serem firmes na fé.

Somos chamados a “conservar firmes” a nossa confissão, assim como Jesus conservou-Se fiel ao

Seu propósito. “Conservar firmes” significa mais do que apenas continuar a crer; a verdadeira fé inclui demonstração pública. Devemos “conservá-la firme e avante”¹. O seguidor de Jesus precisa estar disposto a “sair, fora do arraial” (13:13), na expectativa de que vai sofrer como nosso Senhor sofreu, por ataques verbais e até físicos. Ele não pode desejar ser um discípulo apático no meio deste mundo maligno. Paulo explicou que, se preservarmos “a palavra da vida”, resplandeceremos como “luzeiros no mundo” (Filipenses 2:15, 16). Ser um farol para os outros deve ser o nosso objetivo.

O sumo sacerdote debaixo da velha aliança entrava no Santo dos Santos anualmente, mas Jesus “penetrou os céus” por nós (v. 14). Flávio Josefo disse que o Santo dos Santos era como o céu². Não nos surpreende que o escritor de Hebreus tenha descrito Jesus ultrapassando o Santo dos Santos até os “céus”. “Penetrar” os céus implica um poder muito maior do que o de um sacerdote terreno, qualquer que seja seu nível.

O plural “céus” reflete a palavra hebraica שָׁמַיִם (*shamayim*), que, em mais de trezentas ocorrências no Antigo Testamento, está sempre no plural. Efésios 4:10 diz que Cristo “subiu acima de todos os céus”. Ele está agora além de todos os limites terrenos. Ele está acima do mundo material em poder e glória. B. F. Westcott citou a conhecida expressão: Ele “penetrou o céu” e ainda está ‘acima dos céus’³. A tradição judaica falava de sete céus, ao passo que Paulo falou de três (2 Coríntios 12:2). Este “terceiro” céu parece ser o mais elevado de todos, eliminando assim a ideia de que existam outros quatro céus superiores⁴.

UM SUMO SACERDOTE COMPASSIVO (4:15)

Jesus é humano e, ao mesmo tempo, divino – Ele é o Sumo Sacerdote que representa o homem perante Deus e é o Filho de Deus que representa Deus perante o homem. Os leitores de Hebreus,

¹Raymond Brown, *The Message of Hebrews: Christ Above All*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1982, p. 95.

²Flávio Josefo, *Antiguidades* 3.6.4.

³Brooke Foss Westcott, *The Epistle to the Hebrews: The Greek Text with Notes and Essays*. Londres: Macmillan Co., 1889; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1973, p. 106.

⁴Neil R. Lightfoot, *Epístola aos Hebreus, Jesus Cristo Hoje*. Comentário Bíblico Vida Cristã. Trad. Neyd V. Siqueira. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1981, p. 117.

intensamente tentados pelo esplendor do templo e seu sumo sacerdote, precisavam entender que eles agora tinham um Salvador, que fora tentado como eles foram. Alguém pode questionar: “Mas Jesus nunca pecou, então como Ele pode ter sido tentado como nós?” Jesus pode se compadecer de nós porque entender o pecado não significa participar de ato pecaminoso, e sim resistir à pressão da sedução que ele exerce. Quando Jesus Se recusou a sucumbir, ele mostrou que podemos vencer o pecado. Quem cede à tentação antes de atingir o poder máximo dela só conhece o pecado até esse ponto e não além, pois caiu antes de atingir a maior prova.

Passar por tentação pode nos levar a ter compaixão de outros pecadores. Jesus experimentou a humanidade, até a morte (veja Filipenses 2:8). Agora, Ele pode ser tocado (v. 15). Ele não é frio nem insensível, nem está assentado numa cadeira majestosamente acima da multidão. Jesus Se tornou totalmente um de nós. Seu exemplo poderoso mostra que também podemos resistir ao pecado.

Ele passou por momentos de fraqueza, como nós temos passado, mas não permitiu que as tribulações O impedissem de prestar o Seu serviço a Deus (v. 15). Ele enfrentou dor física, esgotamento e decepção com pessoas. Ele sempre esteve determinado a fazer a vontade do Pai. Ele foi como Daniel, que “resolveu..., firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia” (Daniel 1:8). Jamais devemos negar que Jesus foi tentado! Na opinião de James B. Coffman, a maior tentação de Jesus “provavelmente foi um impulso para desistir de tudo, abortar Sua missão de redenção, clamar pelas legiões de anjos” e derrotar Seus inimigos sem morrer na cruz⁵.

Uma vez que Jesus passou por tentações e sofrimentos no grau mais elevado e, conseqüentemente, entende nossas fraquezas, Ele pode Se compadecer de todos os seres humanos. “Cristo, o qual nunca cedeu à tentação, conhece melhor a força de Satanás do que o pior pecador.”⁶

A palavra grega traduzida por “tentado” (de *πειράζω*, *peirazo*) significa “testado, provado”. O que denominamos “a tentação” de Jesus pode ter sido mais do que uma prova de Sua fé e perse-

⁵James Burton Coffman, *Commentary on Hebrews*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1971, p. 94.

⁶Jimmy Allen, *Survey of Hebrews*, 2a. ed. Searcy, Ark.: Autor Independente, 1984, pp. 55-56.

verança; a palavra pode significar “teste” e “tentação”. Hebreus não visa mostrar Jesus sendo tentado a apresentar um comportamento inde-sejável, mas enfoca a provação de Sua fidelidade através da crucificação (5:7, 8). As provações de Jesus foram da mesma natureza que as provações enfrentadas pelos cristãos quando esta epístola foi escrita. Para quem tivesse uma fé forte, a provação não representaria uma tentação tão grande.

Porque Jesus sofreu sem ceder à tentação de pecar (v. 15; 1 Pedro 2:20–22), geralmente se pergunta: “Jesus era realmente capaz de pecar?” Se Ele não pudesse pecar, não teria havido tentação! A ideia de que Ele não poderia pecar ridiculariza os relatos da tentação de Jesus por Satanás (Mateus 4:1–11; Marcos 1:12, 13; Lucas 4:1–13). Se esses relatos apresentassem uma tentação à qual Jesus não poderia sucumbir, toda a história seria um drama sem relevância.

Ele foi tentado, mas não há pecado em ser tentado. Tiago disse que “cada um é tentado” pelos desejos que estão dentro de si (Tiago 1:14). O diabo pode ter êxito em despertar nossos desejos, mas foi isto que Jesus venceu. Sugerem alguns que Jesus, sendo Deus, não poderia pecar⁷; mas é um erro pensar que Ele venceu o pecado somente por causa de Sua natureza divina. O ensino bíblico é que Ele não pecou, embora tenha sido tentado.

Indivíduos em luta com o pecado podem dizer: “Jesus nunca experimentou as tentações que eu estou enfrentando”. “Não ter pecado” não significa que Ele jamais foi tentado. Aos que creem que todos nascem com uma “natureza pecaminosa”, indagamos: “Jesus herdou um corpo diferente do nosso? Se não, então as tentações dEle aconteceram em Sua própria ‘natureza pecaminosa’”? Se ele pôde ser tentado, então Ele também podia pecar; de outra forma, não haveria tentação.

Filo afirmava que o sumo sacerdote dos judeus tornava-se mais do que um homem quando entrava no Santo dos Santos e que sua existência intermediando Deus e o homem mantinha esse ministro de Deus livre de pecado e corrupção⁸.

⁷Gerald F. Hawthorne sugeriu que Jesus era incapaz de pecar, mas poderia não saber disso, pois Ele era limitado no conhecimento enquanto estava em Seu estado humano (Marcos 13:32). (Gerald F. Hawthorne, “Hebreus” em *Comentário Bíblico NVI*, ed. geral F. F. Bruce. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 2104.) As Escrituras simplesmente dizem que Ele não pecou (2 Coríntios 5:21; 1 Pedro 2:21, 22; veja João 8:29, 46; 10:32; 1 João 3:6, 7).

⁸Filo, *Sobre Sonhos* 2.230–32.

Com certeza, os sacerdotes de Jerusalém sabiam o suficiente para não acreditar nisso, porém outros judeus do primeiro século talvez forjassem ideias semelhantes. A resposta em Hebreus é que Jesus estava plenamente qualificado para preencher até os padrões que Filo imaginou serem necessários.

UM SUMO SACERDOTE MISERICORDIOSO (4:16)

Compreendendo bem o papel do Sumo Sacerdote, podemos nos aproximar do Pai através dEle com regularidade, zelo e intrepidez (v. 16). “Acheguemo-nos” deve incluir uma oportunidade para rogar o perdão dos nossos pecados.

Precisamos orar pedindo misericórdia. Este versículo nos estimula a oferecer esse tipo de oração. A expressão “acheguemo-nos” é comum e é uma tônica da epístola. É usada em 7:19, 25; 10:1, 22 e 11:6. Esse pensamento está implícito em 6:18.

A palavra grega traduzida por “acheguemo-nos” (προσέρχομαι, *proserchomai*) está associada aos sacerdotes que tinham permissão para se aproximar de Deus num culto de adoração⁹. Esse privilégio estende-se agora a todos os cristãos¹⁰.

Só o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos do templo. Os sacerdotes não contaminados podiam entrar no Santo Lugar. Homens judeus devotos e purificados tinham permissão para entrar nos pátios externos. Fora do Pátio dos Judeus ficava o Pátio dos Gentios e um pouco além, o Pátio das Mulheres. Jesus removeu todos esses muros. Temos permissão para “nos achegar” ao Pai, até o Seu altar (veja 10:22). Entramos na presença de Deus, achegando-nos ao próprio Deus em oração. Ele é acessível a nós a qualquer hora. Wiersbe sugeriu o seguinte:

Quando um israelita era tentado, ele não podia correr até o sumo sacerdote em busca de ajuda; e, com certeza, não podia entrar no Santo dos Santos para buscar a ajuda de Deus. Os crentes em Jesus Cristo, porém, podem recorrer ao Sumo Sacerdote a qualquer hora, em qualquer circunstância e encontrar a ajuda de que precisam.¹¹

⁹Esta palavra é um termo técnico na Septuaginta “para a aproximação do sacerdote a Deus num culto” (Westcott, p. 108). É usada neste sentido em Levítico 21:17, 21; 22:3; embora também tenha uma aplicação mais ampla.

¹⁰Ibid.

¹¹Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Wiersbe. Estudo Expositivo da Epístola aos Hebreus*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2013, vol. 2, p. 48.

Além disso, não temos que nos aproximar de Deus do modo como os pagãos se aproximavam de suas divindades, com medo e tremendo.

Nem mesmo os judeus ousavam orar: “Pai nosso que está no céu” (Mateus 6:9). Não havia essa relação com o supremo Deus no Antigo Testamento. Hoje, como cristãos, podemos nos aproximar dEle “confiadamente”, sabendo que o Filho entende e provê acesso ao trono da graça, onde Ele está à direita de Seu Pai e tem a atenção dEle. Evidentemente, se nos apresentássemos a Deus por nossos próprios méritos, não seríamos ouvidos.

O “trono da graça” era outra expressão judaica para “o trono de Deus”. Era típico dos judeus evitarem pronunciar o nome de Deus, visando não mencioná-lo em vão. “Trono” aqui é um eufemismo para o próprio Deus. Ele é chamado de “Deus de toda a graça” (1 Pedro 5:10). Este é um título apropriado para Ele porque a essência de Sua natureza é misericórdia. Em Sua presença encontramos socorro em tempos de necessidade. Estamos *sempre* carentes, reconhecendo ou não este fato. Saber da natureza misericordiosa de Deus nos permite aproximar dEle com intrepidez em oração, falando abertamente com nosso Pai celestial. Que consolo esta verdade tremenda nos traz! O trono de Deus é o lugar onde se procura e se acha auxílio. Quando nos aproximamos do trono, como fez nosso Salvador em tantas ocasiões, participamos um pouco de Sua glória.

São visíveis as semelhanças entre Hebreus 4:14–16 e 10:19–23. Ambos os trechos referem-se a guardarmos firme a nossa confissão e nos aproximarmos de Deus confiadamente. Esta carta é um estudo bem organizado; o autor introduz ideias e depois as retoma mais adiante, destacando os pontos principais. Primeiramente, 4:14–16 introduz os benefícios de nosso Sumo Sacerdote e depois 10:19–23 os reafirma. Os capítulos 5 a 9 continuam retomando esse tema, destacando-o aos leitores. Os cristãos judeus estavam bem familiarizados com o sacerdócio e certamente foram os mais afetados por esse raciocínio. Por exemplo, o verbo “compadecer-se” (συμπαθεῖν, *sumpatheo*) só ocorre em Hebreus. Além desta ocorrência, o vocábulo reaparece em 10:34, juntamente com a admoestação para os cristãos demonstrarem *compaixão* pelos presos. Os cristãos devem se compadecer de outros, como Cristo Se compadecia. A palavra grega *sumpatheo* “não expressa só a compaixão diante do sofrimen-

to, mas o sentimento de quem participa do sofrimento alheio e o toma para si”¹². Nosso Sumo Sacerdote é capaz de se compadecer de nossas fraquezas e insignificância¹³. A verdadeira compaixão é uma virtude difícil de os humanos adquirirem; mas o cristão, a despeito de suas imperfeições, luta para ser como seu Senhor.

CONCLUSÃO

Cristo, nosso Sumo Sacerdote, intercede por nós. Sendo sacerdote e rei, Ele é muito superior ao primeiro sumo sacerdote, Arão, e a todos os sacerdotes da velha aliança. Embora Ele tenha tido uma vida sem pecado, Ele conhece nosso sofrimento e nossas tentações. Ele compreender as nossas fraquezas e tem misericórdia de nós.

PREGANDO SOBRE HEBREUS

TENTADO COMO NÓS (4:14, 15)

G. C. Brewer ilustrou a extensão da experiência de Deus na terra com o relato seguinte. Ele estava pregando numa noite de domingo, na cidade de Chattanooga, no estado norte-americano do Tennessee, sobre o Senhor Jesus sofrer todas as emoções que nós temos que enfrentar. Na década de 1920, aquela congregação da igreja do Senhor se reunia num prédio usado para várias atividades públicas. Um jovem encontrou-o na porta após o sermão e declarou que não acreditava no que ele havia pregado. Argumentou o jovem: “Jesus nunca teve que passar pelo que eu estou passando”. O irmão Brewer convidou o jovem a ir com ele para uma sala reservada, onde o visitante contou sua história sobre a esposa que o abandonara por outro homem, levando o filho pequeno. Ele confessou que, ao vê-los naquela noite, teve vontade de matar o homem e pegar de volta a esposa e o filho. “Jesus nunca se casou e nunca perdeu uma esposa e um filho!”, chorou o homem em desespero. O irmão Brewer contou que ficou sem palavras por um instante, mas depois notou um piano no canto da sala, usado por alguns grupos que se reuniam ali. Isso lhe deu uma ideia. Ele disse: “Veja aquele piano. Ele não tocou todas as peças de música que o mundo já ouviu, mas ele tem todas as claves para todas as notas que poderiam ser tocadas. Assim também, Jesus

¹²Westcott, p. 107.

¹³Isto implica força no lugar de fraqueza.

nunca teve uma experiência exatamente igual à sua – mas Ele enfrentou uma grande perda ao ser traído por quem Ele amava profundamente. Sim, Ele conhece a dor que você está sofrendo”.

Quando nos sentimos num momento de desolação e angústia, devemos olhar para Jesus. Toda a vida de Cristo progrediu até o momento da crucificação em que Ele sentiu o auge da solidão, clamando: “Deus Meu, Deus Meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46). Tendo fé no Senhor ressurreto, jamais precisamos nos sentir sozinhos como Ele Se sentiu na cruz. Podemos nos aproximar do Pai em Cristo por meio da oração “confiadamente” (v. 16). O nosso Senhor alguma vez diria “não” para as nossas necessidades mais presentes? Duvido, pois Ele é o Senhor do “sim!”

Recorra a Deus sempre que as coisas pareçam dar errado, pois não há pecado pior para um filho de Deus nesta era do que negligenciar sua dependência do Pai amoroso.

O SENHOR QUE SE COMPADECE (4:15)

As palavras conclusivas deste capítulo são um estímulo poderoso. Aquele que “penetrou os céus” mostrou que Se preocupa conosco! Jesus demonstrou compaixão em muitas ocasiões diferentes. Em Mateus 9:36 Ele Se compadeceu das multidões que eram como ovelhas sem pastor. Mateus 14:14 mostra Sua compaixão pela multidão de cinco mil pessoas (sem contar mulheres e crianças), que O seguia e estava com fome. Em Mateus 15:32–38, Ele fez o mesmo por quatro mil homens, além de mulheres e crianças.

Em Mateus 18:23–35, Jesus ensinou uma parábola mostrando a necessidade de termos compaixão pelo próximo. Em Mateus 20:30–34, Ele curou dois cegos em Jericó. Em Marcos 1:40–45, Ele curou um leproso. Marcos 5:1–20 conta que nosso Senhor teve misericórdia de um homem endemoninhado. Em Marcos 9:14–27, Ele teve “dó” de um menino endemoninhado. Em Lucas 7:11–17, Ele ressuscitou o filho único de uma viúva pobre de Naim. Lucas 10:30–37 registra a história do bom samaritano, na qual Jesus ensinou compaixão de um modo especial. Finalmente, em Lucas 15:11–24, Jesus censurou o espírito farisaico com o exemplo da compaixão de um pai por seu filho iludido. O coração de Jesus era cheio de compaixão pelos pobres, oprimidos, enfermos e aflitos. E nós? Com certeza, Ele terá compaixão dos compassivos e terá misericórdia dos mise-

ricordiosos. Ele está sempre pronto para prestar o serviço mais humilde – lavar nossos pés, nos resgatar da decadência e nos restaurar a alegria da nossa salvação. Tudo isto é verdade, se formos verdadeiramente arrependidos e praticarmos a compaixão a exemplo dEle.

NOSSO SALVADOR COMPASSIVO (4:15)

Carecemos de um Salvador compassivo tanto quanto as pessoas que viviam no primeiro século. A filosofia estoíca era forte nos países de fala grega. Os estoícos acreditavam que Deus é incapaz de ter sentimentos pelos seres humanos ou de se preocupar com indivíduos. O conceito que tinham de Deus era descrito pela palavra *apatheia*, de onde deriva “apático”. Quem cria em Deus tinha que mudar toda a sua visão da vida. Para muitos, essa novidade deve ter acarretado um fardo terrível. “Nosso Deus Se importa!” Este mundo contém provas abundantes de Seu cuidado (Romanos 1:19, 20). Ele provê sol e chuva, colheitas fartas e todos os prazeres de Sua criação. Lemos que os mansos seguidores de Cristo “herdam a terra” (Mateus 5:5), pois só verdadeiros crentes podem ver a mão de Deus em tudo que é bom. A própria criação de Deus proclama: “Eu me importo!” Ele não é um Deus apático.

Os cristãos podem ver os problemas e dificuldades da vida com um espírito diferente. Podemos ver a vida que existe além deste mundo e saber que nossas aflições são leves e passageiras comparadas com a glória da eternidade (2 Coríntios 4:16–18). Podemos contemplar um poente dourado ou a primavera florida com uma alegria desconhecida aos não cristãos. Estamos mais aptos para desfrutar do mundo por causa da nossa confiança em Cristo.

EM NOME DELE (4:16)

Era uma vez um banqueiro cujo filho, numa época de guerra, saiu para lutar. O pai se preocupava tanto com o bem-estar do filho e do exército que começou a gastar grandes somas de dinheiro para cuidar dos soldados feridos. Ele dedicou tanto tempo a essa atividade que foi repreendido pelos superiores e solicitado a parar. Um dia, porém, um jovem foi até o seu escritório. Ele estava abatido, pois era um soldado que voltara da guerra, mas ainda se recuperava dos ferimentos. O jovem enfiou a mão por dentro da camisa e tirou uma carta amarelada pelo tempo. Ele a entregou

ao banqueiro, que leu: “Querido pai, este homem é um colega meu que foi ferido ao meu lado em combate. Por favor, trate-o como o senhor me trataria. Seu filho, John”. Rapidamente, o banqueiro providenciou todas as coisas necessárias para os cuidados com o jovem soldado. Se o moço tivesse ido ao banqueiro por conta própria, teria sido menosprezado, mas ele foi em nome do filho do banqueiro. Que bênção é para nós termos um advogado próximo do Pai e amado por Ele! Por causa de Cristo, nosso novo Sumo Sacerdote, sabemos que Ele ouvirá nossas súplicas!

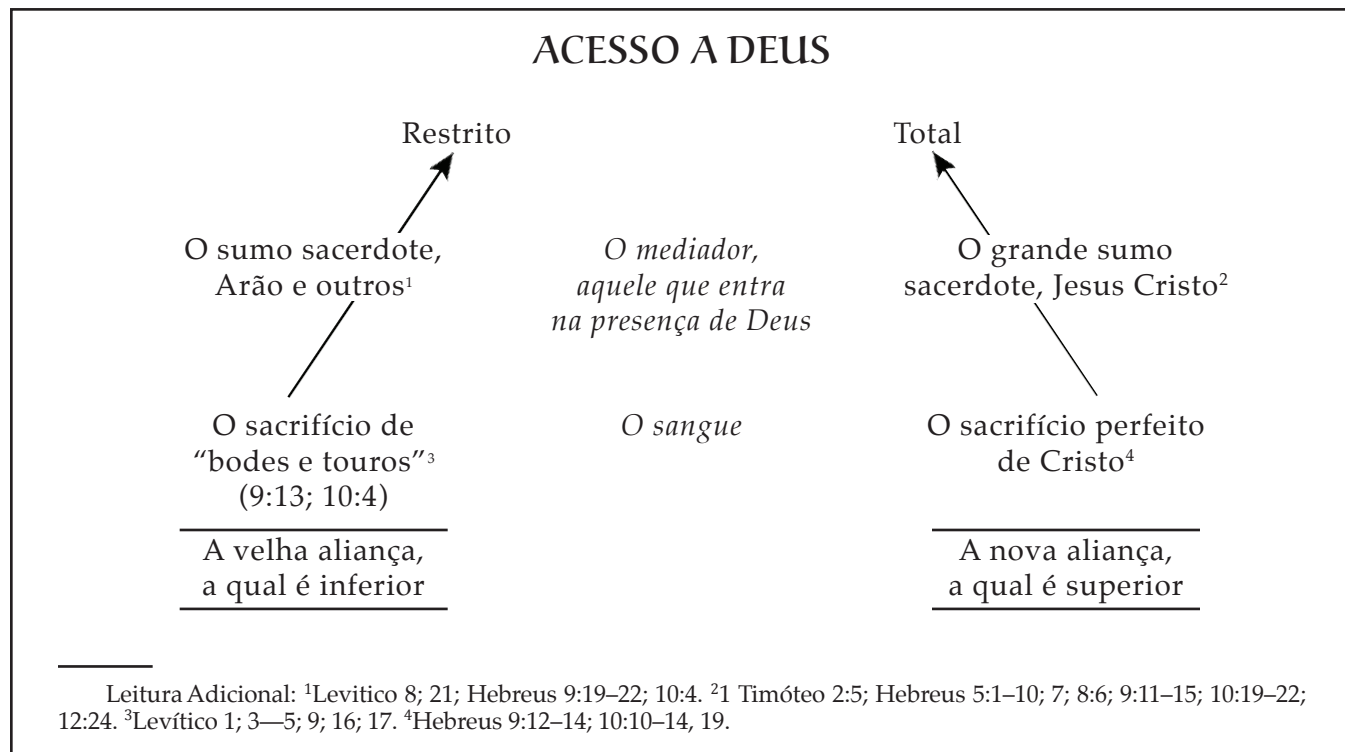
ACHEGANDO-SE A DEUS (4:16)

Não há limitações para nos aproximarmos de Deus como cristãos. Uma vez que podemos conversar com Ele, é desnecessária uma pessoa que faça a intermediação entre nós e Deus. Cada um de nós é um sacerdote para Deus, parte de um sacerdócio santo e real (1 Pedro 2:5, 9). Isto significa que somos preciosos para Deus. Cada santo é ordenado a executar seus deveres e tem o privilégio de se aproximar de Deus mediante a oração.

Podemos pensar com alegria, toda vez que oramos: “Agora estou entrando em espírito na sala do trono de Deus para ter uma audiência com Ele por meio do meu mediador, Jesus Cristo”.

APROXIMANDO-SE DO TRONO DA GRAÇA (4:16)

Deus não possui dois tronos, como se um fosse para aplicar justiça e outro para conceder misericórdia. O mesmo trono que impõe medo dá descanso e consolo aos fiéis. Os filhos de Deus podem dizer: “Pai nosso...”, o que por si só já dá tranquilidade. O pecador não sabe o que dizer nem tem coragem de se aproximar de Deus. Não poderíamos sequer dizer a ele: “Tenha coragem!” Todavia, os filhos de Deus podem se aproximar do Ancião de Dias como um Pai amoroso. Podemos nos unir ao Filho de Deus em momentos de oração; Ele está assentado compassivamente à espera de nós e intercedendo por nós (Hebreus 7:25). Ele nos ajuda servindo de único mediador entre Deus e o homem, sendo Ele mesmo o nosso representante no céu (1 Timóteo 2:5).



Autor: Martel Pace
 © A Verdade para Hoje, 2015
 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS